

OUVIR



GISELA JOÃO AURORA

Quando Gisela João entrou, quase de rompante, no muito conservador mundo do fado, foi como ver uma miúda que veste *Bershka* a tentar sobreviver ao primeiro dia num colégio privado com tiques de Maçonaria. Num universo que tem o negro e a descrição quase máxima como leis não escritas, quem era aquela miúda que gostava de usar vestidos, de cantar descalça e que mostrava, com orgulho, as suas tatuagens?

Pois bem, essa miúda acaba de lançar «AuRora», o seu terceiro longa-duração que, mais do que operar a tão anunciada revolução – um pouco como aconteceu com Rosalía e o Flamenco –, mostra uma devoção tremenda ao fado e às suas tradições, lembrando como este pode curar as mais profundas mágoas ou, num dia bom, ser tão sedutor quanto Don Juan ou Casanova.

«Quanto eu cantava/Já não chorava/Bato nas tábuas do palco». Palavras de abertura que descobrimos em *Tábuas do Palco I*, uma canção a três tempos que abre, divide e encerra o disco e que, neste arranque, cruza o fado mais clássico com a subtilidade da eletrónica, anunciando que este é um disco de fado com assinatura e muito, mesmo muito, sentimento.

Como escreve Gonçalo M. Tavares, que assina o prefácio a este disco onde Gisela João se estreia como letrista, compositora e produtora – em parceria com Michael League e Nic Hard –, «Gisela João coloca na tristeza uma pressão do tom com que recebe cada letra». Uma tristeza que, mais do que convidar ao alheamento e à desistência, é quase sempre uma forma de alcançar a superação, deixando para trás o abandono, o desamor ou o excesso de melancolia. Cinco tábuas – ou estrelas, se preferirem.

OUVIR DISCO NO SPOTIFY

